

Biografia e História na Trajetória de Benjamin Constant

Adriana Barreto de Souza

Benjamin Constant – vida e história

Renato Lemos

Rio de Janeiro, Topbooks, 1999. 572 p.

O debate sobre as relações entre biografia e história é muito antigo. Plutarco já reivindicava a superioridade dos estados da alma sobre as determinantes estruturais na explicação da política. Conhecemos a versão da polêmica atualizada pelo século XIX. Enquanto os positivistas enfatizavam as uniformidades em detrimento das particularidades do passado, os historiadores acreditavam que o espírito de um povo ou de uma época não podia ser entendido a não ser pela realização pessoal dos grandes personagens. O nacional exigia a personalização da história. O historiador e ensaísta Thomas Carlyle, através de uma série de conferências que entusiasmavam uma platéia cada vez mais heterogênea, eliminava qualquer fronteira entre a história política e os relatos de vida, afirmando que a história é a essência de incontáveis biografias.

Esta narrativa articulada pela associação entre história, biografia e heroicidade seria anos depois duramente criticada por uma nova geração de historiadores. Sua eliminação tornava-se condição para a organização da história sobre bases científicas – ou, como diria René Rémond, a ciência histórica foi obrigada a matar para viver. A biografia era banida do ofício do historiador sob acusação de permanecer escrava do relato linear e submetida a um factual anedótico. Mas, talvez, a crítica mais incisiva tenha sido aquela que classifica as investigações sobre a trajetória de grandes nomes da história como elitistas e reacionárias. A década de 1970 francesa retomou os estudos biográficos, mas – é bom lembrar – ainda predominam os trabalhos sobre identidades anônimas. A retomada do indivíduo é a aposta no homem comum e na cultura popular.

É neste debate que podemos inscrever o trabalho de Renato Lemos. Após eleger um dos heróis do panteão republicano como objeto de análise, o desafio central deste livro é, como anuncia o autor, integrar as especificidades pessoais aos elementos da longa conjuntura em que viveu. Mantendo-se afastado dos modelos narrativos teleológicos, vemos surgir de suas páginas, não o herói de um panegírico republicano, mas as experiências, as ações e o desenvolvimento de um personagem inserido numa rede humana, e por isso mesmo marcado pela história.

Decorrido mais de um século da morte de Benjamin Constant, a imagem que dele continua sendo veiculada é a do professor líder positivista que utilizou o espaço privilegiado oferecido pela profissão para difundir a doutrina e, como decorrência, o republicanismo entre os jovens alunos da Escola Militar. Uma memória que, ratificada pelos manuais escolares e pela historiografia, transformou-se num marco identitário da República e do Exército brasileiros. A minuciosa investigação realizada por Renato Lemos no acervo documental do arquivo de Benjamin Constant e no material disponível no arquivo da sua família permitiu que o autor contasse uma outra história sobre o fundador da República. Nesse ponto, a biografia em questão confirma a hipótese inovadora defendida por Celso Castro em seu livro sobre a participação da mocidade militar no golpe de 1889. Ao contrário do que se afirma, o *Dr. Benjamin* não exerceu uma liderança – foi feito líder da conspiração republicana pelos jovens científicos da referida escola. Uma história envolvente que sensibiliza o leitor para os dilemas vividos por uma pessoa sem recursos e sem proteção, fiel a valores meritocráticos, numa sociedade regida pelo *signo do empenho*, e o faz refletir sobre temas cruciais da história nacional, como a guerra contra o Paraguai, o lugar do positivismo nas disputas políticas da época, as questões militares e – é claro – a proclamação da República. Apoiado nas sugestões teóricas de Castoriades e Geertz, Renato Lemos constrói uma narrativa que, pautada numa criteriosa descrição, retira

Benjamin Constant da posição de monumento da história pátria e viabiliza formas de diálogo entre o individual e o coletivo que não o desgastado panegírico.

Benjamin Constant – vida e história enfrenta, antes de tudo, um desafio. É importante não esquecer que estamos diante de um texto originariamente concebido como tese de doutoramento do programa de pós-graduação de História da Universidade Federal Fluminense, defendida em 1997. Se a história como conhecimento humano não pode dispensar as trajetórias individuais, da mesma maneira não pode abrir mão de uma análise rigorosa. Esse é o desafio que Renato Lemos enfrenta e que, como vimos, tem uma trajetória bastante polêmica.

O autor segue na sua exposição uma ordenação cronológica: parte de uma apresentação formal da família e encerra com Benjamin Constant no seu leito mortuário, mostrando que a opção por uma narrativa seqüencial não é o sinônimo de um texto factual e desprovido de análise. Os canais de comunicação que permitem o constante diálogo entre o biográfico e o histórico foram construídos por Renato Lemos pelo entremear atento e sensível de algumas informações e histórias pessoais com acontecimentos de uma conjuntura mais ampla.

O primeiro desses pontos de interseção é o encontro e a relação de Benjamin Constant com as idéias positivistas. Nascido no Rio de Janeiro, ainda menino, Benjamin viveria as angústias do pai em busca de meios de sobrevivência. As tentativas de Leopoldo Henrique como militar, mestre-escola e até mesmo padeiro, submeteram toda a família a uma circulação intensa. No período de dez anos, moraram em Niterói, Macaé, Magé e Petrópolis. Em 1848, um convite do conde de Lajes para que administrasse uma de suas fazendas levaria toda a família a fazer novamente as malas, agora para Minas Gerais. Quando tudo parecia se arranjar, Leopoldo Henrique, acometido pela febre tifóide, morre. Sua esposa, diante da perda, sofre um violento colapso do qual jamais se recuperou. Órfão aos 12 anos, com a mãe enlouquecida, Benjamin Constant não resiste e tenta o suicídio, sendo salvo por uma escrava lavadeira. A força do abalo psíquico o levaria a comemorar seu aniversário no dia 18 de outubro, data em que a escrava o salvara do afogamento.

Como mostra Renato Lemos, todo esse drama traria a família de volta ao Rio de Janeiro e levaria Benjamin Constant, três anos depois, a se matricular na Escola Militar da Praia Vermelha. Transcorria então o ano de 1852. Numa interessante correlação de fatos, o autor mostra que, nos primeiros quatro anos da década de 1850, várias teses inspiradas na doutrina de Augusto Comte foram defendidas na mesma escola. Atraído pelo estudo da matemática, logo o rapaz se envolveria no ambiente cientificista. A postulação de uma ordem social racional, inspirada numa moral superior e pelo saber científico, como observa Renato Lemos, arrebataria Benjamin Constant, que a partir de então tornaria o positivismo elemento unificador de sua vida emocional e intelectual. Mais tarde,

quando professor da mesma escola, seria lembrado pelos alunos por sua seriedade e circunspeção. Sua relação com a matemática era tão intensa que um aluno afirmaria que durante as aulas ele parecia sofrer de sonambulismo matemático, mergulhando num verdadeiro estado de transe. Seu drama pessoal – que por ele seria lembrado até os últimos dias de vida e identificado como *trovão do infortúnio* – somado à auto-imagem de caipora levaria Benjamin Constant a concentrar energias nos sentimentos de brio e dignidade e a traçar relações visceralmente algébricas com a vida. A adesão ao positivismo apresentava, numa observação instigante de Renato Lemos, uma grande adequação emocional. Uma vinculação que ultrapassaria os limites da sua vida pessoal e orientaria a sua atuação pública, fosse como professor, militar ou político.

Outro ponto interessante é a maneira pela qual o autor aborda a guerra contra o Paraguai. Centrando sua narrativa nas correspondências pessoais e portanto na visão particular de Benjamin Constant sobre os fatos militares, foi possível a Renato Lemos analisar a guerra pela experiência que proporcionava aos homens que nela tomaram parte, chamando a atenção para o poder relacional desse encontro. A experiência limite e cotidiana de um campo de operações transformado em acampamento, destaca o autor, criava situações de conflito e tensão, mas também aprofundaria laços de afeto e solidariedade corporativa. É a partir desse estreitamento do foco de análise que pode observar na guerra o *encontro de duas gerações de militares*. A mobilização geral por ela provocada produzia um forte sentimento patriótico e formava círculos de amizade, reaproximando pessoas afastadas pela própria circulação geográfica imposta pela carreira e estreitando novos vínculos pessoais, até mesmo entre oficiais de patentes hierarquicamente distintas.

Nesse capítulo – “Capitão de engenheiros na Guerra do Paraguai” – o texto leva-nos pelos complexos meandros da guerra. Seguimos, através dos relatos de Benjamin Constant, as dúvidas e insatisfações de oficiais jovens e inexperientes, alguns com idade entre 18 e 20 anos, que, sonhando com os louros de uma vida heróica, encontravam nos campos de batalha a morte, a fome, o clima hostil dos pampas, as febres, a solidão e, muitas vezes, a descrença. Além de permanecerem meses à espera de uma grande ofensiva que, de maneira incompreensível, nunca ocorria, deparavam-se no dia-a-dia com a lentidão das promoções e com os esquemas de favorecimento pessoal. Uma situação com a qual já conviviam, mas que os esforços e padecimentos provocados pela guerra tornavam insuportáveis. O alto oficialato e a elite política saíam totalmente desprestigiados da guerra. É dessa maneira que Renato Lemos mostra a criação de um campo favorável a decisões e ações que teriam efeitos multiplicadores sobre a sociedade brasileira da época. Sena Madureira, Deodoro, Floriano, Cândido José da Costa, Severiano da Fonseca, Pelotas e – é claro – Benjamin Constant

foram todos oficiais que tiveram na Guerra do Paraguai sua maior e, por vezes, única experiência militar. Nomes que na década de 1880 movimentariam o cenário político nacional.

Nos capítulos “Bacharel armado” e “Duro com duro não faz bom muro”, os fatos se precipitam e a narrativa ganha uma nova e interessante dinâmica. Se o caminho seguido por Benjamin Constant em direção à idéia de uma mudança radical no regime político apresenta zonas obscuras, a opção do autor por narrar os diversos acontecimentos que ocorriam simultaneamente, chamando a atenção do leitor para os possíveis pontos de contato entre eles, vai, pouco a pouco, dando sentido à atuação de Benjamin Constant. O que a princípio poderia parecer estranho ganha significado ao ser inscrito numa malha narrativa relacional. O modo pelo qual Renato Lemos descreve a elevação da temperatura política no Rio de Janeiro, seguindo os avanços do debate abolicionista, os desdobramentos das questões militares, os rumos do positivismo, a expansão das relações sociais de Benjamin Constant e a decisiva cumplicidade que este tecia com a mocidade militar através de suas incessantes demonstrações de afeto e confiança, não só convence o leitor de que aquele cidadão pacato e respeitador das leis poderia ceder aos encantos da radicalização, como o envolve totalmente nas decisões e conflitos vividos por aquele homem que se definiria posteriormente como um *herói à força*. Através de uma cuidadosa narrativa, Renato Lemos nos acompanha até as dúvidas e convicções que fizeram Benjamin Constant abrir as portas da casa para a rua, filiando-se a entidades associativas com perfis mais altruístas e tomando parte em cerimônias públicas.

É com essa mesma sensibilidade que no último capítulo do livro – “Estadista provisório” – o autor mostra o progressivo isolamento de Benjamin Constant no governo e a sua angústia frente aos rumos dados por Deodoro à nascente República. Cumprindo a proposta contida no título do livro e cruzando mais uma vez vida e história, Renato Lemos nos leva ao encontro de um ministro que se mantém no cargo a duras penas. Mergulhado em seus conflitos existenciais e com graves problemas de saúde, seguimos Benjamin Constant em sua dispnéia e crises hepáticas até o leito mortuário.

Benjamin Constant – vida e história é um excelente exemplo das contribuições que os estudos históricos sobre trajetórias individuais podem trazer para a compreensão do imaginário, dos valores e das regras de ação política que organizavam o mundo social em épocas passadas. Rigorosa e sensível, analítica e imaginativa, a narrativa construída por Renato Lemos prova que o historiador também pode contar uma boa história sem abrir mão das exigências próprias do seu ofício.